

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS/BACHARELADO**

Anderson Rosa de Barros

**VELHICE, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE EM UM CAFÉ NO
CENTRO DE SANTA MARIA - RS**

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Anderson Rosa de Barros

**VELHICE, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE EM UM CAFÉ NO CENTRO DE
SANTA MARIA - RS**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Orientadora: Prof^ª Dr.^a Maria Catarina Chitolina

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Anderson Rosa de Barros

**VELHICE, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE EM UM CAFÉ NO CENTRO DE
SANTA MARIA - RS**

Artigo de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Bacharel em Ciências Sociais**.

Aprovado em Dezembro de 2019:

Maria Catarina Chitolina, Dra. (UFSM)

(Presidente/Orientadora)

Juliana Franchi da Silva, Dra. (UFSM)

Renata Piecha, Me. (UFSM)

Santa Maria, RS

2019

EPÍGRAFE

*“...Vou voltar
Sei que ainda vou voltar
Não vai ser em vão
Que fiz tantos planos
De me enganar
Como fiz enganar
De me encontrar
Como fiz estradas
De me perder
Fiz de tudo e nada
De te esquecer...”*

(Tom Jobim e Chico Buarque)

AGRADECIMENTOS

A minha mãe/pai, Teresinha Iolanda da Rosa, pelo esforço contínuo e dedicação na minha criação e apoio em todas as fases que compartilhamos juntos. Esse trabalho foi possível graças ao seu apoio.

A minha orientadora Maria Catarina Chitolina pelo enorme coração e paciência em ver esse trabalho finalizado. Mesmo com todas as dificuldades ao longo do caminho se fez compreensiva e não desistiu de mim.

Aos amigos que tanto acreditaram na possibilidade de me ver formado e incentivaram a caminhada.

Às pessoas queridas que passaram por esse mundo e deixaram seu amor em mim.

À secretaria, coordenação e demais professores do curso de Ciências Sociais da UFSM pelo enorme carinho e apoio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 OS CAFÉS, A ETNOGRAFIA E MINHA INSERÇÃO NA “BOCA MALDITA”.....	11
2 AS REDES DE SOCIABILIDADE E PERTENCIMENTO ENTRE OS <i>HABITUÉS</i> DA “BOCA”	17
3 AS MEMÓRIAS QUE HABITAM OS VELHOS E A CIDADE	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27

VELHICE, IDENTIDADE E SOCIABILIDADE EM UM CAFÉ NO CENTRO DE SANTA MARIA – RS

OLDNESS, IDENTITY AND SOCIABILITY AT A COFFEE SHOP IN THE CENTER OF SANTA MARIA - RS

Anderson Rosa de Barros¹, Maria Catarina Chitolina²

RESUMO

Os estudos antropológicos sobre velhice e envelhecimento vêm abordando cada vez mais reflexivamente os diferentes modos de experimentar a velhice e de como ela é construída, percebida e (re) significada por esses sujeitos nos múltiplos espaços de interação e sociabilidade. Dentro dessa discussão e em diálogo com o que se aproxima de uma antropologia urbana, o objetivo deste trabalho é analisar e descrever a construção das redes de sociabilidade e pertencimento pelos interlocutores que assiduamente frequentam um café no centro da cidade, localizado no calçadão de Santa Maria – RS. Conhecido localmente como “*Boca Maldita*”, esse *pedaço* representa um espaço simbólico de interação e sociabilidade entre homens velhos na cidade. Tendo levantado essas questões, este estudo propõe compreender os modos de vida, a construção das identidades e as lógicas subjacentes aos interlocutores *habitués* que configuram e compõem a paisagem urbana da cidade tendo como suporte metodológico a etnografia e seus equipamentos; a observação participante, entrevistas e as conversas informais. Conjuntamente com a revisão bibliográfica sobre os temas envelhecimento, identidade social e espaços urbanos propõe delinear um campo teórico e metodológico mais amplos a acerca da dinâmica urbana e suas implicações e composições no horizonte da cidade e dos atores envolvidos.

Palavras-chaves: Café. Sociabilidade. Identidade. Espaços urbanos. Velhice.

ABSTRACT

The anthropological studies about oldness and aging have been increasingly addressing reflexively the different ways of experiencing old age and how it is built, perceived and meant by these subjects in the multiples spaces of interaction and sociability. Inside this discussion and dialogue with what would approach an urban anthropology, the purpose of this paper is to analyze and describe the construction of sociability and belonging networks by interlocutors that assiduously attend a Coffee Shop in the city centre, located at centre walk of Santa Maria – RS. Known locally as ‘*Boca Maldita*’, this space represents a symbolic site of interection and sociability between ancient men in the city. Having raised this questions, this study proposes to understand the ways of life, the construction of identities and the logic underlying the usual interlocutors that configuring and compose the urban landscape of the city having as methodological support the ethnography and its equipments; the observation participant, interviews and informal conversations. Together with the literature review on topics aging, social identity and urban spaces proposes to delineate a theoretical field and methodological approach to urban dynamics and its implications and copositions in the city horizon and and the actors involved.

Keywords: Sociability. Coffee Shop. Identity. Urban spaces. Oldness.

INTRODUÇÃO

As teorias antropológicas sobre o universo urbano e suas complexidades tem permitido um campo cada vez mais rico em discussões, detalhes e interpretações dos fenômenos sociais observados nas cidades brasileiras. A multiplicidade de vivências e interações que as cidades oferecem constituem para uma das suas principais atribuições: a cidade como um espaço de troca. É nela que o contato com o outro se manifesta e intensifica - ainda que por um momento. Nos centros urbanos podemos observar espaços sociais onde muitos dos seus habitantes usam, se apropriam e relacionam, experimentando esses locais como territórios comuns de sociabilidades, pertencimento, construção de identidades e vivências, a exemplos de bares e cafés, como ressalta Miguel V. de Almeida (1983).

No presente trabalho analiso de que forma são tecidas as redes de sociabilidade e pertencimento construídas pelos sujeitos frequentadores de um Café Expresso no centro da cidade de Santa Maria- RSⁱ. Conhecido localmente como “*Boca Maldita*”ⁱⁱ, localizado na entrada da galeria Chami, no Calçadão da cidade, esse *pedaço*ⁱⁱⁱ representa um lugar simbólico de interação e sociabilidade entre/de “homens velhos” no núcleo urbano da cidade. Ao dar ênfase nesse universo, que compreende a sociabilidade dos mais velhos, a partir do viés da Antropologia e seu trabalho de campo, buscou-se conhecer, investigar e descrever as redes de sociabilidade urbana estudadas num café com sujeitos que mantêm fortes laços de amizade e vida social ativa mesmo em decorrência da idade.

A importância desses estudos sobre envelhecimento e sociabilidade não constitui uma prática exclusiva das áreas da saúde, como a medicina ou a psicologia, mas também pode ser um campo de conhecimento relevante para as Ciências Humanas e a Antropologia em especial. Alguns termos como longevidade e bem viver nem sempre estão associados, estritamente, à boa alimentação e às atividades físicas, mas também aos espaços que viabilizam entretenimento, sociabilidade, identidades e memórias. Autoras como a antropóloga Guita Debert (2004) e Gabriela F. da Maia (2010) abordam essas questões apontando novos horizontes reflexivos para um dos grupos etários que mais cresce no Brasil, segundo as estatísticas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)^{iv}.

Essa pesquisa etnográfica se deu a partir dos equipamentos próprios à pesquisa de campo e ao ofício do antropólogo em sua inserção; a observação participante, entrevistas, diário de campo e as conversas informais com os interlocutores frequentadores. O trabalho decorreu em continuidade da disciplina de projeto de pesquisa em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Maria, realizada em 2015 e teve a duração de três semanas. Os horários de permanência em campo foram praticamente em todos os dias e turnos: manhã, tarde e noite das semanas de referência. A opção por seguir essa lógica foi a tentativa de observar os diferentes momentos de sociabilidades fomentadas pelos frequentadores em fases do dia e da semana. Em linhas subsequentes, na primeira parte, a inserção em campo e o contexto do café no trabalho etnográfico são apresentados. Na segunda as redes de sociabilidade e pertencimento são discutidas e, por fim, na terceira parte, abordo a relação entre os “velhos” e o contexto da cidade.

1 OS CAFÉS, A ETNOGRAFIA E MINHA INSERÇÃO NA “*BOCA MALDITA*”

Quando descobrimos as características dos lugares em que vivemos, começamos a entender sua dinâmica em aspectos culturais e sociais. Assim, podemos dizer que algo emerge e se constrói a partir do que lhe é intrínseco no tempo e espaço, adquirindo as referências necessárias as quais forjam as estruturas coletivas de vivência, essenciais a quaisquer indivíduos. Os lugares unificadores de sociabilidade no meio urbano, ponto crucial deste trabalho, são consolidados em diferentes espaços/áreas e momentos, no entanto, alguns especialmente criam em seu entorno códigos próprios de usos e pertencimento que ultrapassam as dimensões físicas, tornando-se referência no tempo.

Historicamente os lugares de cultivo de café surgem no século XII na África, depois expandindo seus mercados para a Europa e Oriente Médio a partir das trocas culturais, comerciais e econômicas. O consumo popular de café se consolida no século XV no oriente, tendo seus primeiros registros no Iêmen, atual Istambul, na Turquia. A bebida tornou-se socialmente consumida nas ruas, mercados e em cafés públicos que surgiam em todo o mundo árabe a partir desse período. Na Europa, os cafés começaram a serem inseridas nas cidades ao longo do séc. XVII, esses locais eram frequentados, sobretudo, por homens de negócio, escritores e intelectuais como uma forma não alcoólica de propiciar uma esfera de sociabilidade, comunicação e possibilitar negócios (STANDAGE, 2005).

Em meados do séc. XVIII, à medida que o produto tornou-se mais popular, salas especiais nas casas de pessoas mais abastadas foram reservadas para sorver o café; ao mesmo passo, casas de café começaram a aparecer nas cidades engendrando um novo cotidiano para seus habitantes. Predominantemente consumido na “Idade da Razão”, no Iluminismo, seu consumo pelos homens da ciência representava um movimento de rompimento ao mundo antigo, além disso, formatava um novo hábito e sociabilidade em relação às tabernas, entendidas como lugares de vícios e boemia (STANDAGE, 2005).

Enquanto o consumo de café aumentava em toda a Europa a partir do séc. XIX, é na França que o historiador Phillipe Ariés (1981) concebe a noção de “a civilização dos cafés” da era moderna. Para ele, desse momento em diante, surge uma nova sociabilidade que substitui a antiga e vê nesse veículo uma nova função e um papel singular no convívio na cidade. O

café passa a ser o lugar onde as pessoas se encontram, conversam, bebem, etc, assumindo um tom mais “secular” e “individualista” nas sociabilidades de domínio público (SENNET, 1998).

Em locais como o Brasil, sobretudo a partir do séc. XX, novos lugares de consumo do café se inserem junto às transformações urbanas influenciadas pelas estruturas de modernização na agricultura e industrialização dos pólos urbanos alinhados com o desenvolvimentismo econômico da época. As grandes metrópoles brasileiras entram no mapa nacional a partir desse período, no caso do Rio Grande do Sul, em sua semântica sobre os cafés em Porto Alegre^v, Bernardo Lewgoy (1988) problematiza a influências do café nos modos de vida e suas manifestações nas camadas urbanas, engendrando assim novas formas de sociabilidade e interação dentro dos grupos sociais nos lugares simbólicos da cidade.

“Em fase de tais transformações na Porto Alegre do século XX, os cafés adquiriram uma conotação substancialmente diversa na vida da cidade, a partir de um processo de ressemantização de espaços de sociabilidade existentes. Diversos cafés se instalaram em lugares que já apresentavam um caráter de ponto de encontro e conversa, manifestando a pregnância das formas de sociabilidade enraizadas em tais espaços na memória coletiva dos grupos sociais, ainda que seu caráter e representação tenham mudado...” (LEWGOY, 1988, p. 8).

O esforço em investigar e descrever essas relações sociais presentes no seio da vida urbana de Santa Maria está mais vinculada a uma antropologia *na* cidade do que propriamente uma antropologia *da* cidade (ROCHA; ECKERT, 2013). Aos poucos fizemos caminhos para vislumbrar um horizonte e relativizar o familiar fabricado ou produzido culturalmente, distanciando-se da bagagem comum como analisa Gilberto Velho (1981); (1989) quando estuda os grupos de camadas médias urbanas ao qual pertencia no Rio de Janeiro. Dentro do pressuposto que o pesquisador estuda a sua própria sociedade, o que supõe constante esforço em “distanciar-se”, configurando um “nós” e um “eles”, ou seja, o antropólogo que estuda a sua cidade e dela extrai seu objeto de pesquisa, como nos mostra Gilberto Velho (1980).

A primeira visita a campo ocorreu em julho de 2016 e serviu de exercício etnográfico à disciplina de Memória e Sociedade. Posteriormente, analisei novas problemáticas teóricas e metodológicas em projeto de pesquisa em Ciências Sociais, quando me interessei pela área de Antropologia Urbana. Isso instigou minha percepção sobre aquele lugar central e movimentado na cidade, “a boca”, onde geralmente olhava de longe pessoas conversando em grupos pequenos e despreocupados - entretidos em si. Havia um dinâmica próprio de comunicabilidade entre aqueles sujeitos que foi inspirando meu interesse acadêmico pelo universo urbano, usos e suas configurações.

O antropólogo americano Clifford Geertz (1989) traz como objeto da etnografia uma hierarquia estratificada de estruturas significantes sem as quais os fatos não aconteceriam, tendo como elementos intrínsecos à cultura as estruturas psicológicas, ligadas a uma realidade com força e propósito em si mesma. Para Geertz a cultura é uma ciência interpretativa, em busca de significados, não é necessário se tornar um “nativo” para compreender a cultura que um povo ou grupo expõe. Essa leitura interpretativista e densa dos sistemas simbólicos auxiliam nas formas de ver e agir tanto para quem estuda a cultura, quanto para quem faz parte dela (GEERTZ, 1989).

Quando iniciei minhas inserções não conhecia nenhum informante/frequentador até aquele momento. Foram acontecendo com baixo grau de interação entre pesquisador e colaboradores da pesquisa, conseqüentemente desconhecia o tipo de rede de sociabilidade existente naquele pedaço. Lembro que na adolescência já havia entrado no café, mas não para sorvê-lo, e sim comprar um sorvete num dia quente comum de verão. Quando decide por pesquisá-lo, sempre que chegava nas proximidades do café e me direcionava ao caixa e ao balcão, pedia um café e esperava.

Essa sociedade de esquina – a boca maldita – aproxima -se ao que outrora foi analisado por W. Foot White (2005) num lugar conhecido como Corneville, em Eastern City (Boston). Na etnografia em questão é descrita a organização social não tradicional e os diferentes interesses envolvidos entre os grupos locais. Com a ajuda de Doc, seu principal informante, o autor conhece e descreve a complexa rede de relações existente naquela

hierarquia social, bem como as condições que permitiram adentrar no eixo das relações sociais existentes na organização social de North End, “pequena Itália” de Boston.

Atualmente instalado na entrada da Galeria Chami, junto ao Calçadão Salvador Isaias, construído em 1981, o Café Expresso Calçadão continua sendo um local de grande movimentação da população santa-mariense, pois sua localização favorece os pontos de convergência na cidade, pela proximidade com bancos (Caixa Econômica Federal e Banrisul), assim como o comércio em geral e serviços de transporte público municipal. O parágrafo de ônibus viabiliza as linhas de transporte urbano (centro x bairros) de Santa Maria, tecendo os fluxos dos veículos e a interface diária dos habitantes, em sua maioria estudantes, funcionários públicos, militares, aposentados, autônomos e trabalhadores do comércio.

Por um tempo pensei, inicialmente, que a diferença de idade pudesse trazer desconfiança junto a eles, pois os núcleos de sociabilidade eram de “homens cidadãos” e normalmente assentado em grandes afinidades e amizades de anos, condições ainda não materializadas em nossos vínculos. Que estratégias eu poderia arriscar: me apresentar e falar do interesse acadêmico que permeia o motivo de estar ali ou manter sigilo para não afastá-los? A partir das leituras do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2003) e suas reflexões sobre os desafios de pesquisar a metrópole e os cenários com múltiplas práticas nos grupos sociais foram encorajando as minhas para aproximar e ampliar o olhar de um principiante.

Por assim dizer, a figura do principal colaborador na pesquisa, um antigo professor de História, foi crucial para a continuidade da investigação naquele “pedaço”. Alguns dias na primeira semana de outubro, ora turno da manhã, ora tarde não rendiam o que eu esperava, pois os grupos de frequentadores eram muitos e fragmentados, alguns deles “desconfiavam” da minha presença quando me apresentava como pesquisador. Vindo da Palestina para Santa Maria nos anos 80, o professor Bahjat se tornou um meio de apresentação e comunicabilidade entre seus pares assíduos do café. Quase aposentado pelo estado, tinha 60 anos de idade e vinte deles é residindo e trabalhando no bairro Camobi. Quando o vi cumprimentá-lo e conversamos por algum tempo. Expliquei que estava pesquisando as redes de sociabilidade entre os habitués do café para o trabalho de conclusão do curso, se ele era frequentador e poderia me ajudar apresentando seu círculo de amizades. Ele afirmou ser um frequentador assíduo do café e prontamente se dispôs em ajudar, reivindicando para si o papel de mediador

dentro dos grupos. Daquele momento em diante minha inserção em campo realmente floresceu, possibilitando agora um olhar mais próximo e de dentro, como sugere Magnani (2002),

“Essa questão da “distância” como condição para a análise antropológica, assim como outras, correlatas – a relação sujeito/objeto, colocar-se ou não no lugar do outro, dar voz ao nativo, o caráter da participação na observação participante, a autoria do texto etnográfico – já rendeu muita discussão e não será retomada aqui. Mas há um ponto que vale a pena identificar porque tem implicações para o argumento deste artigo: trata-se da natureza da especificidade do conhecimento proporcionado pelo modo de operar da etnografia e que – de acordo com a hipótese que está sendo trabalhada – permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números (MAGNANI, 2002: 16)”.

A história do surgimento do Café Expresso do Calçadão foi contada pelo proprietário do estabelecimento, seu Antônio Roberto K., empresário e advogado de 58 anos natural de Santo Ângelo que vive em Santa Maria há 27 anos. *“Eu trouxe o café expresso para Santa Maria, era uma máquina que não existia na cidade. Eu Adquiri a máquina e trouxe, as pessoas conheciam, mas não tinha por aqui, foi um sucesso na hora”*^{vi}. O negócio começou em um kiosk de flores em frente a farmácia Panvel que foi transformado em café, há 27 anos atrás. Sua freguesia inicial era composta por advogados e funcionários do antigo Fórum de Justiça^{vii}, na Praça Saldanha Marinho, construído no início da década de 1940 e hoje atual Casa de Cultura de Santa Maria.

As características estruturais e físicas do Café Expresso possuem as dimensões de um lugar de porte pequeno, delimitado em duas paredes laterais e três portas de enrolar (ou cortina metálica de enrolar) laterais as quais dão acesso e saída do estabelecimento. Além do conhecido cafezinho, bebido junto ao balcão ou arredores da galeria e bancos do Calçadão, também são vendidos sucos naturais, sorvetes, pastéis, revistas/jornais, variedades de doces e salgados. Alguns trabalhadores urbanos acabam usando o espaço do café como uma forma de conseguir freguesia para empreendimentos e atividades trabalhistas, como a Mariana, jovem de 25 anos e nativa da cidade que vende Trilegal^{viii} na sua banca junto ao café. Tem o rapaz que trabalha de engraxate nas imediações da galeria, tendo seus principais clientes os

frequentadores assíduos da boca. Observa-se que alguns deles pagam café como forma de agradecimento e auxílio alimentar, pois ali também é seu ponto de referência.

Atualmente com treze funcionários, o número de mulheres que trabalham é dois terços maior que os de homens. Em época de fim de ano, ocorrem contratações temporárias de funcionários, chegando a dezoito ou mais. Não há cadeiras para os clientes sentarem enquanto passam por ali, então a movimentação dos frequentadores mais assíduos é praticamente em pé, migrando de uma célula de conversa para outra conforme vão chegando os conhecidos de sempre ou novos interlocutores.

Um dos frequentadores assíduos da boca maldita e amigo pessoal do professor Bahjat, Heron Flores, 62 anos, aposentado da Polícia Civil, reconhece a existência dos outros cafés no centro que possuem uma estrutura confortável e agradável aos consumidores, lugares visitados por esses homens como a cafeteria La Santa no Shopping Santa Maria ou mesmo o Café Galeria na chami. No entanto, são espaços mais individualizados e inviabilizam o tipo de comunicação informal e “democrática” encontrados no café expresso da boca maldita. Esses indicativos fomentam “a boca” como um território onde seus frequentadores fazem questão de estar praticamente todos os dias e tem preferência por ele. *“Aqui o atendimento é um diferencial e nós gostamos de ver o movimento... faz muitos anos que frequentamos aqui e fizemos boas amizades^{ix}”* diz Heron em meio a um gole e outro de café, em pé junto aos demais.

Alguns trabalhos etnográficos anteriores desenvolveram olhares e interpretações acerca do universo urbano em/de Santa Maria, como a dissertação de mestrado da Rojane Brum Nunes (2010), que aborda as sociabilidades masculinas e práticas cotidianas entre os *habitués*^x do centro e a dissertação da Gabriela Felten da Maia (2010) com a leitura de gênero e envelhecimento sobre esse universo urbano. No entanto, com esse trabalho etnográfico buscou-se analisar apenas o território da boca.

2 AS REDES DE SOCIABILIDADE E PERTENCIMENTO ENTRE OS *HABITUÉS* DA “BOCA

Em o declínio do homem público, Richard Sennett (1999) enfatiza o “caráter público e igualitário” dos cafés na Paris e Londres do séc. XVIII e XIX como um local de encontros, troca de informações e do discurso público. Essas características vivenciadas nos territórios urbanos estão muito atreladas aos valores e códigos culturais inerentes aos grupos de pertencimento. No entendimento de Denise Jardim (1991), por outro lado, as categorias “público” e “privado” modificam-se em seus usos e significados ao longo do século XIX.

Com o passar do tempo, os cafés passam a representar um estilo de vida europeu de segmentos da elite social, em que predominam noções de espaço de igualdade entre pares. Existe uma sociabilidade que permite interações sociais mais impessoais onde a distinção hierárquica é manifestada através de outros marcadores sociais, símbolos e comportamentos da vida nas cidades européias (JARDIM, 1991).

A existência de igualdades entre os membros não diz respeito, estritamente, à classe social ou etnicidades, mas aos graus de afinidades, interesses em dialogar e a capacidade argumentativa. Em sua concepção há uma mudança na percepção e comportamento do homem moderno urbano que o faz se tornar um refém da vida pública, uma vez que esse espaço é preenchido pelo excesso de narcisismo, ausência dos interesses coletivos e valorização da individualidade oriundos da secularização da vida moderna. A procura por interesses comuns é destruída pela busca de uma identidade comum” (SENNETT, 1999: 319).

Na concepção de Virgílio Borges Pereira (1999) encarando a taberna como um espaço/tempo de lazer intermediário entre o trabalho e a família, configuraria uma referência marcada por atividades de lazer sociável de forma explícita, onde se desenvolvem sociabilidades semi públicas, configurações e diversas formas de apropriação deste território pelos agentes sociais, com ritmos e investimentos relacionais próprios e que incorporam diversificados capitais e habitus que se reportam ao campo local das classes sociais (PEREIRA, 1999).

Na maioria das vezes, os consumidores que cruzam o Café Expresso não estão, por assim dizer, preocupados em ficar e conversar com os demais, já que suas ações envolvem um interesse prático e específico: comprar cigarros, pastéis, sucos, sorvetes (até mesmo café) e ir embora. Para os frequentadores assíduos, os *habitués* da boca, esse senso de igualdade retrata os elementos comuns partilhados por eles, como o gosto pelo debate político/esportivo. Além disso, o café também se configura como um ponto de informação, indicação de empregos e serviços, bem como um passatempo casual para os aposentados.

Dentro disso, na boca maldita o arranjo das interações sociais se caracterizaria por sua horizontalidade, com perfil “celular”, fragmentado e menos hierárquico, formando um sentimento de paridade entre os frequentadores e grupos de conversas, constituídos em sua maioria por homens de meia idade e idosos (considerados dentro desta faixa pessoas com 60 anos ou mais de acordo com Organização Mundial da Saúde (OMS^{xi}). Ali acontece a estrita relação de “espaço – referência” nas entrelinhas das interações sociais, à beira do balcão ou nos bancos do calçadão. A noção de “paridade” pelos frequentadores do café denota um sentido oriundo da convivência partilhada entre eles.

Nos relatos do professor Ivan Henrique, que trabalha na UFSM, senhor de 53 anos e natural de São Pedro do Sul^{xii}, “*estar na boca é um momento de lazer*”, geralmente chega no horário do meio-dia e à tarde, embora não ir todos os dias é frequentador há 16 anos. “*Começou com o negócio do futebol amador de veteranos, então sábado de manhã a gente se encontrava por ali e então marcava jogos, conversava sobre a rodada do campeonato e discutia isso. Depois segunda de meio-dia, geralmente meio-dia que é o horário que o pessoal dá uma passadinha ali ou à tarde. É um momento que a gente discutia o negócio do futebol, tomava um cafézinho, uma brincadeira: quem perdeu, quem ganhou, como é que vai ser, e então começou por aí. Comecei a me integrar com eles, pessoas de tudo que é classe, tudo que é tipo de profissão!*” (fragmento da entrevista com o prof. Ivan, 15/07/2016).

Quando entrevistado em sua sala sobre a relação histórica dele com a boca maldita, o professor Ivan salientava os eventos ocorridos em outras áreas da cidade, mas que envolviam diretamente os amigos da boca. Inclusive existe uma página no facebook encarregada de promover eventos festivos em homenagem aos aniversariantes com um churrasco, organizado

pelos fundadores associados à Boca Maldita^{xiii}. Todo primeiro domingo do mês ocorre esse encontro dos frequentadores, amigos e familiares em momentos de lazer com amistosos de práticas esportivas, como o futebol de veteranos. “... o futebol de veteranos de Santa Maria é um dos maiores campeonatos do Brasil, ali congrega a categoria 40, 45, 50 até 60 anos... tem velhinho com 60 anos rolando um caroço fenomenal...” (fragmento da entrevista com o prof. Ivan, 15/07/2016).

Figura 1: Imagem do logo da Sociedade Recreativa e Esportiva Boca Maldita



Fonte: <https://timesdors.blogspot.com/2015/01/boca-maldita-de-santa-mariars.html>

Por ser um “pedaço” onde cruzam muitas pessoas, um espaço de acesso público, mesmo entre os frequentadores assíduos, há momentos que nem todos comungam dos acontecimentos e festividades estipuladas pelos associados à Boca Maldita. Um dos principais colaboradores dessa pesquisa, professor Bahjat certa vez me explicou algumas ramificações dos laços de amizade e suas intensidades. Por exemplo, mesmo entre os “amigos da Boca” há uma diferença quando for um “amigo público” ou um “amigo chegado”. Dentro dessa classificação os “amigos chegados” seriam aqueles que frequentam a sua casa, conhecem a sua família e combinam *Happy Hours* mais restritos, em contra partida aos “amigos públicos” no qual se conhecem do café e nem sempre alcançam uma relação mais íntima com as demais “células” pertencentes.

As disposições dos agentes dentro desse campo social presumem as condições inerentes aos capitais incorporados e disputados permanentemente em seu interior. Ainda que o caráter do café seja um espaço aberto e democrático, existem disparidades percebidas

através de brincadeiras, estigmatização e valorização das masculinidades. Na compreensão de Pierre Bourdieu (2007), cada campo possui suas regras específicas, como um sistema ou espaço estruturado em posições que são distribuídas desigualmente pelos capitais sociais, políticos e simbólicos (BOURDIEU, 2007).

Nas cidades brasileiras a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação ou hierarquia entre centro e periferia, dentro e fora. Para Damatta (1995), o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. A casa, a rua e o outro mundo demarcam fortes mudanças de atitudes, gestos, roupas, assuntos, papéis sociais e quadro de avaliação da existência em todos os membros de nossa sociedade. A casa é concebida como espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, tudo aquilo que define a nossa ideia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso (DAMATTA, 1995).

Os itinerários dos frequentadores assíduos do café se deslocam todos os dias pelo calçadão e centro estabelece substancialmente fluidez e pluralidade em sua estética urbana. Conseguimos visualizar os músicos de rua, vendedor de jornais e de trabalhos manuais, considerando aqueles sujeitos mais descompassados e afinados com as obrigações diárias. No íntimo da boca maldita o tempo é desconsertado e por isso, seu conteúdo vivido naquele “pedaço” é essencial e um contratempo ao mundo de fora. Também significa “uma pausa” inerentes a vida nas cidades e às metrópoles brasileiras. Para Ariès (2009), os cafés são espaços onde se articula uma transição entre público e privado, à medida que cria uma conjunção desses dois universos no mesmo espaço.

Para Maurice Halbwachs (2013) os lugares recebem marcas de um grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas as ações dos grupos podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. O café, nesse ponto de vista, é uma espécie de extensão da cidade para quem o habita, ou melhor, uma variável contextual onde a experiência da vida urbana expressa e engendra relações sociais mais amplas, inerentes aos processos culturais, sociais e históricos de uma cidade em movimento (HALBWACHS, 2013).

A aproximação de muitos políticos que passaram por Santa Maria como Antônio Britto, Tarso Genro, Olívio Dutra, Valdeci Oliveira, Paulo Pimenta, Cesar Schirmer, etc., reiteram a existência de um "reconhecimento cordial" desse território até mesmo por algumas autoridades regionais. Aumentando as redes de contato político e expandindo a referência do lugar para fora. Como sugere Simmel (1973), a característica mais significativa da metrópole é usar a extensão funcional da cidade para além de suas fronteiras físicas. O caráter dinâmico das interações sociais, demonstra que os sistemas de reciprocidades tecidos entre os grupos e indivíduos, através das suas inserções em redes sociais, implicam na construção de alianças temporárias, colocando-os na condição de empreendedores sociais (BOISSEVAIN, 1987).

Na visão de Menezes (2009), a compreensão do espaço deve ser feita a partir da ideia de que as práticas sociais são quem configuram e reconfiguram os significados e significações do espaço – através de um conjunto de operações que colocam em relação o masculino e feminino, a casa e a rua, o privado e o público, o local e o global, o jovem e o velho, nós e os outros, tempo e espaço, cotidiano e extraordinário, lazer e trabalho, e também, sociabilidade. Além disso, existe a possibilidade de diálogos abertos no âmbito dos “pares”, que geralmente encontram no espaço público a fraternização de ideias, espaço do conflito, mas também a liberdade de expressar diferentes visões de mundo (MENEZES, 2009).

Segundo Augé (2004) a construção de espaços de circulação e consumo, desligados dos territórios e das pessoas que o habitam, implica dois grandes riscos: a uniformidade e a generalização do espaço urbano. A cidade dos indivíduos é o mundo onde cada um mantém relação com o lugar a partir da memória, do cotidiano, das experiências vividas. A identificação de cada pessoa com o lugar sobressai dessa ligação forte com o território (AUGÉ, 2004).

3 AS MEMÓRIAS QUE HABITAM OS VELHOS E A CIDADE

Conforme DaMatta (1995) na sociedade brasileira existem espaços, esferas de significação social (casa, rua e outro mundo) que fazem mais do que separar contextos e configurar atitudes, eles contêm visões de mundo ou ética particulares. Os *ethos* e visões de

mundo dos sujeitos marcados pelo envelhecimento nos mais variados espaços de interação e sociabilidade, desde a noção da esfera público – privada são elaboradas, constroem e percebem desde a metrópole até as comunidades mais periféricas (DAMATTA, 1995).

As mudanças no olhar sobre a velhice e também do próprio velho são acompanhadas por um importante fator ocorrido desde o século XX: o envelhecimento da população. Com o aumento da expectativa de vida e a queda da taxa de natalidade, ao longo das últimas décadas, temos assistido a um processo de envelhecimento populacional em nível mundial. De certo modo, essas mudanças na concepção da velhice na sociedade moderna e contemporânea ocorrem não só pelo progresso científico, mas também pelo que Mariele Rodrigues Correa (2009) vai atribuir à visibilidade social da velhice.

De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) ^{xiv}“uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050”. Em 2050 pela primeira vez haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. No Brasil, o número de idosos dobrou nos últimos 20 anos, hoje o número de idosos somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas.

Em seu estudo sobre a solidão dos moribundos, Norbert Elias (2001) discute as mudanças nas concepções e nos comportamentos acerca da velhice e da morte nas sociedades modernas, analisando a significativa melhora nas condições de vida das pessoas, atribuídas ao desenvolvimento tecnológico, à maior segurança e, conseqüentemente, ao prolongamento da expectativa de vida. Em decorrência disso, novos valores e comportamentos são demarcados em relação à velhice e a morte, uma vez que a morte deixa de estar presente no cotidiano das pessoas, elas passam a ter outro juízo sobre os moribundos, incorporando fragilidades à identificação com os velhos. (ELIAS, 2001).

Apesar do envelhecimento dos indivíduos na sociedade contemporânea, observa-se a presença dos velhos em vários lugares de sociabilidade no meio urbano, como em clubes, bares e cafés, sobretudo entre homens. Ainda que na boca maldita seja um espaço de predominância masculina, esses lugares abordados por Miguel Vale de Almeida (1995)

também representaria uma esfera em que diferentes habitus e comportamentos seriam próprios e peculiares a lugares frequentados por homens...

“Para um homem, o café é aceitável e obrigatório como lugar para estar quando fora do trabalho. É a - casa dos homens – (a metáfora melanésia é mais do que simples ironia), no sentido em que a domesticidade e a solidão são mal vistas – como sintomas de anti-socialidade e de virilidade diminuída -, por parte dos homens, e por que as mulheres como que os empurram para fora do espaço doméstico, feminilizando ao ponto da presença deles indesejada (ALMEIDA, 1995: 185)”.

Ainda que as pessoas mudem de cidade pelos mais diversos motivos (trabalho, família, saúde, interesses pessoais) com o passar dos anos, as visitas ao Café Expresso acontecem com frequência por aqueles que voltam à região central. Esse depoimento foi percebido mais de uma vez nas conversas informais e entrevistas realizadas com os frequentadores da boca. Um dos primeiros entrevistados para essa pesquisa; Gilson Ferreira, senhor de 61 anos, aposentado da Assembléia Legislativa de Porto Alegre, mas natural de Santa Maria, manifesta seu apreço pelo café mesmo residindo oficialmente em Natal, Rio Grande do Norte:

“Há quanto tempo você frequenta a boca maldita?”

Desde a década de 90, quando voltei do RJ... a boca maldita é maravilhosa, adoro ali. Ali converge todas as raças, todos os polos. Alegres ou tristes, todo mundo tem uma história! Foi ali que eu conheci o grande amor da minha vida, eu gostei muito! Mas como os amores vão e vem, né? Amores vão e vem. Você sabe que na boca maldita a pessoa chegou e nos conhecemos, namoramos um ano. Mas aquilo que foi bom também foi muito dolorido! Foi algo que me marcou muito! (entrevista realizada na tarde de 18/07/2017).”

Dentro dessa perspectiva, como pondera Halbwachs (2013), a noção de memória estaria associada a “acontecimentos marcantes” que podem permanecer em nossa memória por muito tempo. Uma construção social assistida no passado mas vivida no presente. Ou seja, o que fica na memória é o socialmente mais relevante. Para o autor, o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência, pois a memória é sempre construída em grupos, ainda que também seja um trabalho do sujeito (HALBWACHS, 2013).

Os lugares com forte apelo emocional pela carga histórica ou vividos em grupos por anos manifestam a necessidade de uma comunidade afetiva, ainda que ela não seja mais uma materialidade em si. Quando Gilson lembra do grande amor vivido por ele, que conheceu em Santa Maria, essa lembrança está vinculada à boca maldita, pois foi ali que se conheceram. Para Halbwachs (2013), a formação de uma memória coletiva está presente num ponto de referência em memórias individuais. Toda a identidade é constituída a partir de uma memória, que pode ser individual, mas depende dos grupos de referência e convívio (HALBWACHS, 2013).

Na concepção de Éclea Bosi (1994) a lembrança é trabalhada pela reflexão e evocação da memória, não é reviver e sim uma nova leitura, ou seja, o passado encontra-se e atua no presente, preserva-se a partir da linguagem como um instrumento socializado da memória. Mesmo havendo lapsos e erros, na lembrança permanece o que tem significado (BOSI, 1994).

Quando entendemos as relações que construímos entre os grupos que frequentamos notamos que absorvemos elementos oriundos de outras fontes/faces e outros sujeitos, com suas cargas históricas, sociais e afetivas. A partir dessas trocas formamos a construção e reconstrução de um significado, o qual vai moldando nossa percepção. Além das descobertas individuais que nos marcam com o passar do tempo, a experiência de compartilhar algo com os outros sempre torna nossa volta mais cheia de sentido e significado. Desse modo, os lugares representam essa materialidade física, mas ao longo do tempo o que damos sentido realmente são as vivências e sentimentos partilhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever neste artigo e trabalho de conclusão de curso, uma parte do universo urbano de Santa Maria evidenciou-se a relevância do Café Expresso como um espaço importante para o contexto urbano vivido pelos *habitués*, moradores e transeuntes desta cidade. Ali perpassam as conversas sobre os mais variados assuntos da região (ainda que geralmente discutam temas sobre futebol, política, negócios ou mesmo notícias globais em

questão), acaba se tornando um território de sociabilidade e convivência bem conhecido localmente, como foi observado ao longo da pesquisa.

A adesão a práticas de sociabilidade em um espaço público denota a vocação da cidade estudada para disponibilizar espaços e equipamentos urbanos a serem apropriados por cidadãos em suas diferentes motivações e condições sociais. Dentro disso, a existência desse café demonstra a função social do mesmo junto à população local, pois historicamente ele tem sido um ponto de sociabilidade além do consumo do café em si, como ocorre usualmente em outros cafés na cidade.

Para a maioria dos entrevistados e frequentadores ficou evidente a importância do Café Expresso da boca maldita como um espaço de densa rede de sociabilidade, reciprocidade e de troca. As peculiaridades das redes de interação ultrapassam o espaço físico do café, incluindo-o como uma extensão da cidade. Por tanto, observou-se que a dinâmica do meio urbano santamariense ainda se transfigura entre o velho e novo dentro dos vínculos de pertencimento e construção de identidades próprias ao cotidiano da cidade e suas transformações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim de Século. Introdução, cap. 2, 5 e 6 – 1995.
- ARIÉS, Phillipe. **A família e a Cidade**. In: Velho, Gilberto & FIGUEIRA, Sérvulo (org). *Família, Psicologia e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1981.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- BOISSEVAIN, Jeremy. "**Apresentando 'amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões'**". In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org). *Antropologia das sociedades contemporâneas - métodos*. São Paulo: Global Universitária, 1987.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São. Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
- CORREA, Mariele R. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 125 p.
- DAMATTA, R. **Espaço: casa, rua e outro mundo – o caso do Brasil**. In: _____. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 29-63.
- ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "**Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana**". *Illuminuras. Série do Banco de Imagens e Efeitos Visuais*, nº 44. Porto Alegre: BIEV, PPGAS/UFRGS, 2001.
- ELIAS, N. **A Solidão dos Moribundos; Envelhecer e Morrer**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.
- JARDIM, Denise Fagundes. **De bar em bar – identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares**. 1991. 247 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia

Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

LEWGOY, Bernardo. **Os cafés na vida urbana de Porto Alegre: as transformações em um espaço de sociabilidade masculino**. In: Iluminuras: série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, Vol. 10, n. 24, 2009.

MAGNANI, José G. C. **De perto e de dentro: “notas para uma etnografia urbana”**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 17 (49), jun., São Paulo, 2002.

_____. **A antropologia urbana e os desafios da metrópole**. Tempo soc. [online]. 2003, vol.15, n.1, pp.81-95. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702003000100005&script=sci_abstract. Último acesso em fev. de 2019.

MENEZES, Marluci. **A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 301-328, jul./dez. 2009.

NUNES, Rojane Brum. **“A boca”, “a esquina” e “o recanto”: sociabilidade, cotidiano e memória entre os *habitués* do centro de Santa Maria, RS**. Dissertação (mestrado em Antropologia Social) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na UFRGS – RS, 2010.

OLIVEIRA, Roberto Oliveira de. **O trabalho do antropólogo**. 3. ed. São Paulo: Paralelo 15, 2006.

OLIVEN, Ruben G. **Urbanização e mudança social no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1980.

_____. **A antropologia de grupos urbanos**. 6. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

PEREIRA, Virgílio Borges, **Os vincados padrões do tecido social –uma análise das vivências quotidianas de uma freguesia industrializada do Vale do Ave**. Porto, Edições Afrontamento, 1999.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornelia. **Antropologia da e na cidade : interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

STANDAGE, Tom. **História do mundo em 6 copos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

VELHO, Gilberto. **O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

_____. **Individualismo e Cultura, notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

_____. **A utopia urbana um estudo de antropologia social.** (1989).

VELHO, Gilberto; MACHADO, Luiz A. **A organização social do meio urbano.** Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1977.

VELHO, Otávio Guilherme. **O fenômeno urbano.** 2 ed. Zahar, Rio de Janeiro. 1973.

1 - Autor; Acadêmico do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS).

2 - Antropóloga, orientadora. Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade de São Paulo, Brasil(2002). Professora Associado II da Universidade Federal de Santa Maria , Brasil.

i - A cidade de Santa Maria está situada na região central do Rio Grande do Sul, tendo uma população estimada de 280 505 habitantes. Possui 41 bairros e 9 distritos que são áreas rurais (IBGE 2018). Trata-se de uma cidade de porte médio, um polo de atração populacional de todo o país no que concerne às ofertas de serviços constituídos ao setor educacional universitário. Também, possui o segundo maior contingente militar do país. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-maria/panorama>.

ii - O termo “Boca Maldita” refere-se à Associação /entidade dos membros frequentadores do Café Expresso. A entidade fundada nos anos 2000, costuma organizar e estimular torneios de futebol dos veteranos da cidade e festividades mensais.

iii - A noção de “pedaço” designa um espaço social com uma referência concreta ou territorial entre a casa, a rua e o outro lugar... Elaborada pelo antropólogo José G. C. Magnani (2002) em suas reflexões sobre redes de sociabilidade em áreas urbanas de São Paulo.

iv - Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), os idosos são um grupo formado por mais de 28 milhões de pessoas, o que representa 13% da população brasileira e pode dobrar de tamanho nas próximas décadas, conforme a projeção da População divulgada em 2018. Os dados informados são oriundos da Revista Retratos do IBGE, N.16, pg. 18-25, ed. Fev. 2019.

v - Porto Alegre é um município brasileiro e a capital do estado mais meridional do Brasil, o Rio Grande do Sul. Sede da maior concentração urbana da região Sul e quinta mais populosa do Brasil, desenvolveu-se com rapidez e hoje abriga quase 1,5 milhão de habitantes dentro dos limites municipais e cerca de 4.276.475 habitantes na região metropolitana. Com 37,7% da população vivendo em apartamentos, é a segunda capital mais verticalizada do país. Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1o de julho de 2018. Consultado em 29 de agosto de 2018.

vi - Entrevista realizada em 10 de outubro de 2015 com o dono do Café Expresso.

vii - Fonte: Acervo Digital de Santa Maria. Último acesso em: 20 de agosto de 2018.

Site: http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/7hu3j:isad.

viii - O Trilegal é um jogo com sorteio de prêmios e dinheiro aplicado à região central e metropolitana do estado do RS. Geralmente a venda da cartela com os números pro sorteio é feita em banquinhas na rua ou estabelecimentos credenciados.

ix - Anotações no diário de campo das conversas informais realizadas no café com Heron em outubro de 2017.

x - O termo habitués refere-se aos freqüentadores habituais do Centro, em contrapartida aos freqüentadores ocasionais e esporádicos. Por sua vez, pretendo estabelecer uma relação mais dialógica e simétrica no encontro e escrita etnográfica tendo em vista que o “antropólogo consiste em um narrador” (Eckert e Rocha, 2005), que narra a sua experiência e a do “outro” a partir do encontro etnográfico.

xi - Organização Mundial da Saúde é uma agência especializada em saúde, fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à Organização das Nações Unidas. Sua sede é em Genebra, na Suíça.

xii - São Pedro do Sul é um município brasileiro localizado na região central do estado do Rio Grande do Sul.

xiii - A Sociedade Esportiva e Recreativa Boca Maldita é uma associação dos frequentadores da Boca Maldita, fundada em 12/10/2002 na cidade de Santa Maria – RS, com objetivo de promover e incentivar jogos de futebol para veteranos na região central do estado.

xiv - O Fundo de População das Nações Unidas (ou Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais, é o organismo da ONU responsável por questões populacionais em todo o globo, contribuindo para compreensão sociodemográfica de países, grupos sociais e seus territórios.